

Líder do PT diz que bancada está pronta para 'diálogo profundo' com o Governo

Déda descarta aprovação automática: 'A oposição também tem suas idéias'

Roberto Stuckert Filho

• BRASÍLIA e SÃO PAULO Ao comentar ontem as afirmações de Fernando Henrique, de que a oposição deve aceitar o resultado das urnas e dialogar, o líder do PT na Câmara, Marcelo Déda (SE), disse ontem que o partido estará disposto a um diálogo com o Governo se esta for de fato a vontade do presidente Fernando Henrique ao enviar as suas medidas de ajuste fiscal para o Congresso. Mas o Governo, segundo ele, terá de mandar as suas propostas como projetos de lei — e não como medidas provisórias — e aceitar também a discussão das idéias sugeridas pela oposição.

— Não aceitamos que se tente travestir com a palavra diálogo golpes regimentais ou qualquer outra medida de força para diminuir a capacidade de interferência das oposições no processo político — ressaltou Déda.

O líder destacou que dialogar não pode ter o significado de simplesmente se mostrar aberto a aprovar as propostas do Governo:

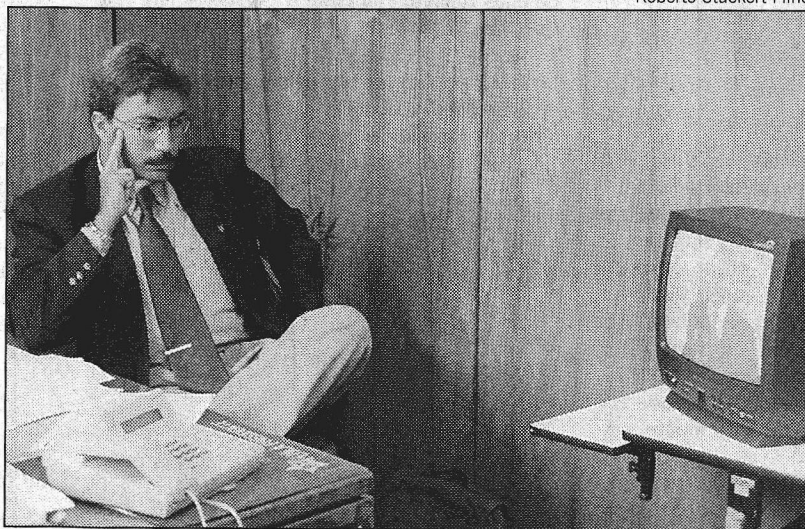
— Nós não temos a menor disposição de aprovar esse band-aid fiscal que o Governo vai propor. Queremos discutir mais profundamente. Há propostas de reforma tributária em discussão e a oposição também tem as suas idéias. Em torno dessas propostas, vamos abrir um debate nacional. Isso é que é diálogo.

Sim a imposto sobre fortunas, não a aumento da CPMF

O líder do PT já adiantou que o Governo terá o apoio do partido se, entre as propostas, estiver a criação de um imposto sobre grandes fortunas. Mas negou apoio à idéia de aumentar a alíquota da CPMF.

Na opinião de Déda, o presidente, em seu discurso de ontem, continuou se valendo de argumentos eleitorais, escondendo ainda a real dimensão da crise, sem detalhar o que pensa fazer para enfrentá-la:

— O presidente ainda não desceu do palanque. Ele descreveu um país cor-de-rosa e não admitiu seus próprios erros na condução da política econômica. Falou em diálogo, mas não disse em torno



O LÍDER PETISTA Marcelo Déda assiste ao pronunciamento de FH na TV

A REAÇÃO DOS PETISTAS

"O presidente ainda não desceu do palanque. Ele descreveu um país cor-de-rosa. Falou em diálogo, mas não nos projetos"

MARCELO DÉDA • Líder do PT na Câmara dos Deputados

"Ou ele está escondendo as medidas ou ele não tem programa nenhum, porque não disse nada"

JOSÉ DIRCEU • Deputado federal e presidente nacional do PT

"Estamos aceitando o resultado das urnas. O que questionamos são os métodos que deformaram esse resultado"

JOSÉ GENOÍNO • Deputado federal do PT

cional do PT, deputado federal José Dirceu, disse que o presidente Fernando Henrique deixou para anunciar as medidas de ajuste fiscal no fim de outubro para não prejudicar seus candidatos a governador que disputam o segundo turno. Para Dirceu, o pronunciamento do presidente foi vazio, já que ele não disse concretamente o que pretende fazer:

— Ou ele está escondendo as medidas ou ele não tem programa nenhum, porque não disse nada.

Dirceu acha contraditório ajuste fiscal com mais emprego

Dirceu considerou contraditória a declaração de que vai ser feito o ajuste fiscal e, ao mesmo tempo, promovidos o emprego e o desenvolvimento. Reagiu ainda à afirmação de que a oposição deve aceitar as urnas e dialogar:

— Continuamos achando que poderíamos ter chegado ao segundo turno se houvesse um mínimo de igualdade nas eleições.

O deputado José Genoíno (PT-SP) também foi crítico:

— Estamos aceitando o resultado das urnas. O que questionamos são os métodos que deformaram esse resultado — disse, referindo-se aos institutos de pesquisa.

O secretário de relações internacionais do PT, Marco Aurélio Garcia, que coordenou a campanha de Lula, chamou Fernando Henrique de "rei do monólogo", por não ter debatido a crise com a oposição durante a campanha. ■

de quais projetos quer dialogar.

O candidato do PT ao Governo gaúcho, Olívio Dutra, defendeu ontem a necessidade no país de um novo pacto federativo, com a participação de governadores, como solução para o ajuste fiscal proposto pelo presidente:

— Estamos precisando de um novo pacto federativo, em que as unidades federativas não sejam capacho do Governo central.

Em São Paulo, o presidente na-